

CRÔNICAS

DR DE JURISTAS

Victor Evangelista

Parece que o tempo se encarrega de tudo mesmo: destrói o que há de ruim e de bom no mundo. Em outro momento da minha vida, eu diria que isso é uma coisa boa, porque até a melhor das monotonias é insuportável. Hoje vou além e não digo apenas que a finitude que o tempo dá a todas as coisas é algo bom ou necessário, é simplesmente o único caminho possível da existência.

Essa lógica, naturalmente, se aplica às relações interpessoais. Há casos, todavia, em que a morte vem antes do fim que as coisas teriam por si mesmas. Nesse caso, tem-se a ilusão da eternidade de um amor. Eterno? Aposto que nem o mais belo dos amores terrenos duraria seiscentos anos, se fôssemos imortais. Relacionar-se é desafiadoramente prazeroso, mas há horas em que chega a ser exaustivo.

Tudo que foi dito até agora tem suas raízes no lado esquerdo, racional, cético, crítico e analítico de meu cérebro. São palavras bravamente combatidas pelo romântico e monogâmico segundo eu que habita em mim. Esse acharia pouco três eternidades para amar aquela por quem suspiro. Meu lado direito está sempre pronto para perdoar, entender e evoluir, até que tudo esteja perfeito. Ao me desentender com o meu amor, recorro a todo meu poder de argumentação para convencê-la de que estamos bem. Angustiado como um garoto, argumento como um cientista:

- Eu não entendo! Por que está brava comigo?
- Está superado, deixa pra lá... É melhor!
- Não está superado, você sabe. Não é assim que se resolvem as coisas. Precisamos encontrar o ponto controvertido e elucidá-lo. Assim, iremos superá-lo verdadeiramente. Essa é a maneira correta de agir.
- Não me venha ensinar como me relacionar! Essa é a sua maneira de agir, não é a “maneira correta”, necessariamente. Não estamos num processo, pelo amor de Deus!
- Tá, tudo bem... Então me deixe colocar as coisas de outra forma: embora você não queira conversar, num exercício de generosidade, por ser importante pra mim, você pode me explicar o que a chateou?
- Você olhou pra aquela mulher!

- Que mulher?
- Se for bancar o louco, não há como eu ser generosa.
- Olhei.
- Viu? Sabia!
- Mas foi o ímpeto natural decorrente de minha fisiologia. Você não pode me culpar por isso. Olhei por uma brevidade insignificante, não a busquei em nenhum momento. Você entende isso?
- Olhou e está olhado.
- Sim! Não nego que olhei, já disse. Mas, ante a minha justificativa, que deixa você nesse estado?
- Você a desejou?
- Sim. Não! Sim... brevissimamente. Jamais daria vazão no mundo real a esse desejo, ou agiria no sentido de concretizá-lo.
- Desejou e está desejado!
- Eu nunca neguei que a desejei.
- Então você me diz que olhou uma mulher, que a desejou, e me quer sorridente?
- Você não está sendo racional. Nós não controlamos nossos pensamentos ou desejos, somente como reagimos diante deles, na maioria dos casos.
- Você me desrespeitou!
- Eu discordo, a minha ação foi inevitável, ou melhor, minha reação foi inevitável. Só olhei para ela tempo bastante, para entender que deveria parar, e assim o fiz. Convença-me do contrário, desafio você.
- Tudo bem. Racionalmente lhe perdoo.
- Mas aí é que está a questão, eu não lhe pedi perdão.
- Como é que é?
- Partindo da premissa de que eu não errei, não há como pedir perdão.
- Não acha melhor parar ganhando?
- O quê? Como assim? Não posso pedir perdão por uma atitude que não julgo errada. Lamentável, talvez, mas errada não foi. Até o próprio Direito entende dessa forma, segundo a teoria finalista da ação, é preciso que “a conduta seja livre e conscientemente destinada a um fim”. Sem conduta, não há crime, é o caso do sonâmbulo, do reflexo do corpo, da coação física irresistível.

- Ah! É? E, se eu fizesse o mesmo?
- Não poderia, estaria premeditando, macularia a involuntariedade da ação. A partir de agora, ninguém pode olhar para ninguém, nunca mais! Muito menos desejar, nem por uma fração de segundo. Entendeu, amor? Certo? Como conversamos sobre isso, são erros... digo, são comportamentos que não podemos adotar mais.
- Cadê o filósofo argumentador?
- Foi embora. Me perdoa?
- Meu lado emocional te perdoa, mas o outro lado entende que a pena previne, educa e ressocializa. Hoje você dormirá no sofá!